

As construções XclV na escrita brasileira do século 19 refletem padrões gerados por qual gramática do português?

(The XclV constructions in the written Brazilian Portuguese of 19th century: the patterns generated by Portuguese grammars?)

Marco Antonio Martins¹

¹Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

marcomartins@ufrnet.br

Abstract: This paper aims to provide a description of the alternation between enclisis and proclisis in independent finite clauses where the verb is preceded by a non-focused subject, a non-modal adverb or a prepositional phrase – XV constructions – in the written production (twenty-four plays) of Brazilian playwrights born between the 19th and the 20th century in the coastal area of Santa Catarina. The results show that in the written production of authors born in the first half of the 19th the proportion of proclisis in XV contexts where X é a non-modal adverb or a prepositional phrase is higher than in contexts where X is a DP subject. In empirical terms, the proclitic forms found in the texts of these authors are associated with a grammar in which preverbal position is available for components of VP and not specifically to subjects. In other words, the XclV constructions in written Brazilian Portuguese of the 19th century seem to reflect properties of Classical Portuguese grammar.

Keywords: proclisis; XV constructions; grammar; Classical Portuguese.

Resumo: Tem-se por objetivo neste artigo apresentar uma descrição da alternância ênclise/próclise em orações finitas não dependentes em que o verbo é antecedido por um sujeito lexical, um advérbio não modal ou um sintagma preposicional – construções XV – na escrita de brasileiros nascidos no curso dos séculos 19 e 20. Os resultados mostram que na escrita dos autores nascidos na primeira metade do século 19 a proporção da próclise em contextos XV em que X é um sujeito realizado por advérbio não modal ou um sintagma preposicional é superior àquela encontrada em contextos em que X é realizado por um DP sujeito. Em termos empíricos, nos textos desses autores as próclises encontradas estão associadas a uma gramática cuja posição pré-verbal esteja disponível para constituintes de VP em geral e não especificamente para sujeitos oracionais. Por outros termos, as construções XclV na escrita brasileira do século 19 parecem refletir propriedades da gramática do Português Clássico.

Palavras-chave: próclise; construções XclV; gramática; Português Clássico.

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar evidências empíricas para a hipótese de que a escrita brasileira no século 19 reflete padrões instanciados pela gramática do Português Clássico (PC). Os dados analisados dizem respeito a 482 orações afirmativas finitas não-dependentes com o verbo precedido por sujeitos, advérbios não modais e sintagmas

preposicionais (PP), não-focalizados (contexto XV)¹ em que a variação ênclise (Vcl) próclise (clV) é atestada na história do português, conforme exemplos a seguir.

SUJEITO-cl-V

- (1) Desculpe a indiscrição... **O senhor ME diga** uma cousa: Afinal de contas, que festança é essa a realizar-se hoje aqui e que está movimentando tudo, como si os patrões estivessem esperando a visita de qualquer monarca?! [A filha do operário (1942) de Ildefonso Juvenal (1884-1965)]²
- (2) **O senhor ama-ME** também?... [Dolores (1889) de Horácio Nunes (1855- 1919)]
- (3) Oh! Pérfidos! Tudo compreendo agora! **Eles SE amavam!** Foi um ajuste entre ambos... Uma negra traição que me urdiram!... [Quem desdenha quer comprar (1868) de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)]
- (4) **Ela ama-ME** ... ama-me! [Raimundo (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]

ADV-cl-V

- (5) Na noite do mesmo dia em que recolhi a triste engeitadinha e agasalhei-a em meu seio, tu, José, te apresentaste em minha casa e **encarecidamente ME pediste** agasalho, e depois te oferecestes a compartilhar de todos os meus trabalhos. [A engeitada (19??) de Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)]
- (6) **Amanhã agarro-ME** às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. [Raimundo (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]

PP-cl-V

- (7) Estou sempre preparado! **Na minha bagagem SE** encontram os livros apropriados. O alcorão quando vou ao Islã; o Talmud, a Israel; o Missal, ao Vaticano; Shakespeare, à Inglaterra; um livro para cada ocasião. [A morte de Damião (1954) de Ody Fraga (1927-1987)]
- (8) **Nas minhas finas areias deitam-SE** sereias, cantando canções de amor. [Ilha dos casos raros (1928), de Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)]

As questões em pauta são: (1) Qual o padrão de ordenação dos pronomes clíticos em contextos XclV na escrita brasileira dos séculos 19 e 20? (2) Qual a relação entre o

¹ Os dados foram extraídos de 24 peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina no curso dos séculos 19 e 20: *Raimundo* (1868), de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865); *Um cacho de mortes* (1881), de Horácio Nunes (1855- 1919); *Brinquedos de cupido* (1898), de Antero Reis Dutra (1855-1911); *Um homem sem paisagem* (1947), de Ody Fraga (1927-1987); *Os lobos* (1980), de Ademir Rosa (1950-1997); *Flores de inverno* (1992), de Antônio Cunha (1961-); *Sim, eu sei* (1992), de Fábio Brüggemann (1962-). Os textos são: *A casa para alugar* (1867) e *Quem desdenha quer comprar* (1868), de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902); *Raimundo* (1868), de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865); *Os ciúmes do capitão* (1880), de Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897); *Um cacho de mortes* (1881), *Dolores* (1889), *O idiota* (1890), *Fatos Diversos* (1892), de Horácio Nunes (1855- 1919); *Brinquedos de Cupido* (1898), de Antero Reis Dutra (1855-1911); *A engeitada* (19??), de Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916); *Hilda, a filha do suposto traidor* (1918), *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e *A filha do operário* (1942), de Ildefonso Juvenal (1884-1965); *Ilha dos casos raros* (1928), de Nicolau Nagib Nahas (1898-1934); *A morte de Damião* (1954), de Ody Fraga (1927-1987); *O dia em que os porcos comerão sal* (1978), *A Estória* (1970), *Os Lobos* (1980), *Fragments* (1991) e *O que a vida fez de mim, de nós* (1996), de Ademir Rosa (1950-1997); *O dia do Javali* (1982), de Mário Júlio Amorim (1939-); *Flores de Inverno* (1992) e *As quatro estações* (1998), de Antonio Cunha (1961-); *Agnus Dei* (1994), de Sulanger Bavaresco (1969-).

² Os exemplos citados neste texto são retirados da amostra e estão seguidos do título e do ano de publicação/apresentação dos textos assim como do nome do autor e de seu respectivo ano de nascimento.

encaixamento da próclise nesses contextos e um sistema que possui propriedades bastante restritivas na superficialização da ordem XV(S)? e (3) Os padrões empíricos atestados nos textos podem ser reflexos de um processo de mudança sintática via competição de gramáticas, nos termos de Anthony Kroch (1989)? A hipótese que defendo é a de que a ordenação de clíticos na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 (no cenário da escrita brasileira) reflete um período de mudança sintática que pode ser entendida como a competição de diferentes gramáticas do português. E, nesse contexto, a escrita de brasileiros nascidos na primeira metade do século 19 reflete padrões instanciados pela gramática do PC.

O artigo vem dividido em três seções: na seção 1, faço uma breve revisão de estudos que apresentam análises acerca da estrutura da frase nas gramáticas do PC e do Português Europeu (PE); na seção 2, apresento e discuto resultados de um estudo empírico em relação às construções XclV na escrita de brasileiros nascidos no curso dos séculos 19 e 20.

A sintaxe da ordem e as gramáticas do português: clíticos e a posição pré-verbal

No que se refere à estrutura da frase no PC, tem-se defendido que há duas posições disponíveis para constituintes pré-verbais: uma posição interna à estrutura oracional e outra posição externa à estrutura oracional, sendo CP o limite da oração (TORRES MORAIS, 1993; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005). (9), a seguir, sistematiza a proposta em questão.

(9) Estrutura da oração no PC

___ # [____(cl) V_(cl)], onde # é a fronteira da oração

Tem-se defendido também que, na gramática do PC, bem como em estágios anteriores do português e das demais línguas românicas, em orações com o verbo em primeira posição absoluta, apenas a ordem Vcl é permitida, o que ficou conhecido na literatura como a *Lei de Tobler-Mussafia*, que prescreve que um elemento clítico não pode ser o primeiro constituinte de uma oração.

Inspiradas nessas análises, Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005, GBPS, doravante) propõem que os diferentes padrões atestados na ordenação de clíticos em textos portugueses dos séculos 16 a 19 refletem uma mudança estrutural na posição pré-verbal associada à restrição ao clítico em primeira posição na gramática do PC (ou no sistema do Português Médio, como melhor referem as autoras).

De acordo com GBPS, na gramática do PC, a restrição ao clítico em primeira posição está ainda ativa e se aplica no domínio de XP. Em outras palavras, a ordem Vcl é requerida em PC em orações em que o verbo é o primeiro constituinte de CP, como prescreve (10), a seguir.

(10) Aplicação da restrição ao clítico em primeira posição no PC

V1 – clítico não inicial em PC → XP

Um clítico não pode ser o primeiro constituinte do primeiro XP da oração

Na gramática do PC, portanto, o domínio de aplicação da restrição ao clítico em primeira posição é o primeiro XP da estrutura oracional, motivo pelo qual a ordem Vcl

é sempre derivada em contextos V1 e a próclise nos demais contextos. De um lado, em uma estrutura como (11)a, a seguir, em que X está externo à estrutura oracional, aplica-se a restrição ao clítico em primeira posição e a ênclise é derivada. Em uma estrutura como (11)b, de outro lado, em que X está interno ao domínio oracional, a restrição não se aplica e a próclise é, então, derivada.

- (11) Derivação da ênclise e da próclise no PC
 a. X # [V → XVcl
 b. # [XV → XclV

(GBPS, 2005, p. 51)

Seguindo a análise segundo a qual a derivação de Vcl na gramática do PE é sensível a restrições no nível morfofonológico da gramática, a proposta de GBPS é a de que há uma mudança estrutural no domínio de aplicação da regra de restrição ao clítico em primeira posição em português: na gramática do PE o domínio de aplicação da regra passa a ser o primeiro X-barra da oração, e não mais o primeiro XP como na gramática do PC, como prescreve (12), a seguir.

- (12) Aplicação da restrição ao clítico em primeira posição no PE
V1 – clítico não inicial em PE → X-barra
 Um clítico não pode ser o primeiro constituinte do primeiro X-barra da oração

(12) prediz que sempre que I-barra for o primeiro X-barra de uma estrutura a ênclise é derivada. GBPS assumem que em PE o sujeito pré-verbal se superficializa em *Spec/IP* e, sendo I-barra o primeiro X-barra, por conseguinte, a ordem Vcl é sempre derivada também em orações com sujeitos pré-verbais não-focalizados.

Tendo em conta a análise das autoras, a ordem Vcl é derivada em PE, então, em duas configurações: orações com o verbo em primeira posição absoluta e orações com sujeitos pré-verbais não-focalizados. Referentemente à última, note que, como a regra de restrição ao clítico em primeira posição na gramática do PE se aplica ao nível X-barra (e não ao nível XP, como na gramática do PC), a presença do sujeito em *Spec/IP* é irrelevante para a aplicação da regra (i.e., a restrição ao clítico em primeira posição não se aplica). Por outros termos, em orações com sujeitos pré-verbais internos ao domínio de IP, I-barra, é ainda o primeiro X-barra da estrutura que contém material lexicalmente realizado e a ênclise é a única derivação possível. As estruturas em questão para a gramática do PE estão sistematizadas no que segue, em (13).

- (13) Derivação da ênclise no PE
 [CP [IP [I Vcl
 [CP [IP sujeito [I Vcl

(GBPS, 2005, p. 53)

Por conseguinte, quando uma categoria X-barra entre CP e IP, dentro dos domínios da oração, é projetada, a próclise é sempre derivada em PE (cf. estruturas em (14)).

- (14) Derivação da próclise no PE
- | | | | | |
|--------|----|--------------------|--------|--------|
| [CP XP | [C | [IP | [I cIV | |
| [CP | | [que | [IP | [I cIV |
| [ΣP | | [Σ XP ³ | [IP | [I cIV |

(GBPS, 2005, p. 53)

Nesse caso, a presença de um constituinte entre IP e CP obrigaria a projeção de outro nível X-barra, diferente de I-barra, que passa a não ser mais o primeiro X-barra da estrutura; logo, o clítico alocado à esquerda de V não está mais sujeito à restrição ao clítico em primeira posição e a próclise é, então, derivada.⁴

Com base na análise de textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 18, Paixão de Sousa (2004) traz significativas contribuições ao estudo dos diferentes padrões de ordenação de clíticos e demais constituintes oracionais nas gramáticas do PC e do PE. Olhemos mais de perto em que direção.

Como refere Paixão de Sousa (2004), os padrões superficiais *XV* e *XXV* atestados nos textos escritos podem ou não corresponder, respectivamente, ao padrão estrutural de construções V2 e V3. Seguindo esse raciocínio e a restrição ao clítico em primeira posição, a ênclise é derivada apenas em contextos *XV* com V1 estrutural, ou seja, em contextos em que X esteja externo aos domínios da oração.

De fato, como também refere essa autora, em orações com constituintes explicitamente focalizados e sujeitos quantificados, por exemplo, a próclise é categórica em todos os estudos sobre o PC ou estágios anteriores do português. Esses contextos corresponderiam, assim, a padrões prototípicos *XV* superficiais e V2 estruturais.

A alternância *Vcl/clV* atestada em *ambientes de variação diacrônica* nos textos clássicos, ou, mais especificamente, em contextos *XV* em que o verbo é antecedido por sujeitos não-focalizados, advérbios não-modais, PPs, complementos ou orações dependentes, coloca um problema central para a hipótese acima: como diagnosticar a posição (interna ou externa) dos constituintes pré-verbais em orações V2 superficiais em *ambientes de variação diacrônica*, considerando apenas a colocação do clítico? A hipótese

³ Como bem observado por Maria Lobo (em conversa pessoal), XP não deveria estar numa posição de núcleo Σ (sigma), mas, talvez, numa posição em *Spec,Σ*. Mantenho aqui, no entanto, as estruturas em (14), conforme apresentadas no texto das autoras (GBPS, 2005, p. 53).

⁴ Consideremos, no entanto, que a análise de GBPS para a derivação da ênclise em orações com sujeitos pré-verbais em PE se apoia no fato de ser *Spec/IP* a posição disponível para os sujeitos não-focalizados nessa gramática e que esta não é uma questão pacífica. Diferentemente de autores como Ambar (1992) e Costa (1998; 2004), que também defendem essa análise, Pilar Barbosa (2000, 2006) apresenta evidências substanciais de que o sujeito pré-verbal em línguas de sujeito nulo, que inclui o PE, está sempre deslocado à esquerda. Outro aspecto relacionado à *natureza da mudança gramatical* nas construções com sujeitos pré-verbais envolvendo as gramáticas do PC e do PE a se destacar, na proposta por GBPS, é o fato de que, se considerarmos as propostas em que IP é uma categoria subdividida em demais categorias funcionais (como AGR e TP, por exemplo), a generalização proposta pelas autoras não mais se aplica aos contextos de derivação da ênclise. Quando cindida a categoria IP, a depender da posição estrutural do sujeito pré-verbal, I-barra pode não ser o primeiro X-barra da estrutura e mesmo assim, com sujeitos não-referenciais, a ordem verbo-clítico é sempre derivada em PE. Em Costa e Galves (2002) não consta das refs, por exemplo, com base em evidências sintáticas de dados do PE, em comparação com a gramática do PB, se defende que o sujeito pré-verbal no PE pode ocupar (até) três posições estruturais (*Spec/AgrSP*, *Spec/TP* e *Spec/VP*).

fica circular e pouco avança: a colocação dos clíticos justifica a posição estrutural (interna ou externa) dos constituintes e essa, por sua vez, justifica a colocação dos clíticos.

Paixão de Sousa (2004) tenta fugir dessa circularidade descrevendo isoladamente os contextos *XV* e os padrões empíricos de ênclise e de próclise atestados pela autora na análise de textos dos séculos 16 a 19. A autora observa que a evolução da ênclise nos diferentes contextos de variação diacrônica não se dá numa mesma proporção.

Em uma direção, há um significativo aumento na proporção da ênclise em construções com sujeitos não-focalizados, advérbios não-modais e PP pré-verbais nos textos escritos depois do século 18 em relação àqueles escritos nos séculos anteriores.⁵ A próclise nesses contextos é generalizada nos textos dos séculos 16 e 17. Em outra direção, a evolução da ênclise em construções com orações dependentes é menos ordenada e pouco significativa já em textos dos séculos 16 e 17. A pouca ocorrência dessas construções na amostra e propriedades idiossincráticas próprias leva a autora a classificá-las, independentemente da posição do clítico, como construções *VI*. O argumento da autora está centrado no fato de a ocupação da posição pré-verbal interna à fronteira da oração ser o resultado de operações de movimento na sintaxe (disponível apenas para constituintes de VP como advérbios e argumentos); orações dependentes pré-verbais, nesse contexto, ocupariam, *por adjunção*, uma posição externa à estrutura da oração. A proposta assumida por Paixão de Sousa coloca um problema para as análises da variação próclise/ênclise balizadas pela posição inicial do verbo (cf. PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 80).

Nessa linha de raciocínio, no PC, contextos *XVcl* (enclíticos) correspondem necessariamente a uma estrutura de adjunção, em que *X* está externo à fronteira da sentença (*X#V*), enquanto contextos *XclV* (proclíticos), por sua vez, podem ou não corresponder a uma estrutura de adjunção.⁶ Nos casos de próclise em contextos de adjunção, que configura uma violação à restrição ao clítico em primeira posição, segundo a autora, “uma propriedade da escrita clássica (barroca) está na raiz do enfraquecimento da restrição de Tobler-Mussafia” nos textos analisados (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 97-98).

Assim, aqui defende-se que a mudança entre o sistema médio e o PE diz respeito, primordialmente, às posições disponíveis para os sujeitos na estrutura da frase: a mudança principal instanciada nos textos, e que explicaria a progressão da ênclise em *SV*, não será a maior frequência de sujeitos externos (ou seja *S#Vcl*) mas sim o surgimento de uma nova posição para os sujeitos “neutros” (manifestada na ordem *#SVcl*). (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 77)

A hipótese forte de Paixão de Sousa é a de que *os textos do século 17 apresentam uma maior tendência* ao uso de construções denominadas pela autora de *fronteamento*. Para ela, esse é um argumento central para explicar os padrões de frequência de *ScIV* no

⁵ Vale evidenciar que, na análise, a ênclise é pouco produtiva em qualquer contexto *XV* em textos do Português Médio (i.e., em textos de autores nascidos até o século 18) e passa a ser mais produtiva em textos modernos, especialmente em contexto em que *X* é um sujeito lexical. O aumento da produtividade da ênclise caracterizaria o advento do PE. Lembro ainda que sob a rubrica *Português Médio*, Paixão de Sousa faz referência a um período de tempo (cronológico) em que as demais gramáticas do português competem com a gramática do PC. A partir dessa observação empírica, a autora evidencia que todo sujeito em contextos *SVcl* é um adjunto no Português Médio, mas não em PE.

⁶ É importante lembrar que, na análise em apreço, a próclise será sempre derivada por uma estrutura em que *X* ocupe, por movimento, uma posição interna à oração.

Português Médio; e, conseqüentemente, a derivação da ênclise na gramática do PE, que, por hipótese, perdeu a propriedade *de fronteamento de constituintes*.

Para sistematizar a proposta de Paixão de Sousa (2004), note-se que os padrões de XV nos textos clássicos podem superficializar diferentes estruturas sintáticas, especificadas em (I) e (II), a seguir.

(I) *Estruturas de Fronteamento* # $[XV]$, sendo X um constituinte de VP tal como advérbios modais, quantificadores, focos e argumentos do verbo. Essas construções resultariam de movimento na sintaxe para uma posição interna à sentença, conforme os exemplos em (15), retomados da autora;

- (15) a. # [Bem me importava...
b. # [Muito vos desejei...
c. # [Todos me tratam...
d. # [Elas mesmas lhe contaram

(PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 72)

(II) *Estruturas de Adjunção* X# $[V]$, sendo X uma oração dependente ou um PP adjunto. Essas construções não seriam provenientes de movimento na sintaxe, mas de um processo de adjunção a uma posição externa aos limites sintáticos e fonológicos da sentença, conforme estruturas em (16).

- (16) a. Suspenso o imperador com esta proposta # [disse-lhe Ariano
b. Em Sintra # [obrigava-me a tomar
c. Por esta razão # [lhe pareceu

(PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 74)

Para a autora, as construções # SV seriam em PC um subconjunto das construções X# V ; ou seja, o sujeito em posição pré-verbal nessas construções seria um adjunto externo à estrutura sintática e fonológica da sentença. Por outros termos, no sistema médio (ou na gramática do PC), mas não no PE, todo sujeito em $SVcl$ é um adjunto (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 119).

Importante se faz destacar que, na interpretação proposta por Paixão de Sousa (2004), o que caracterizaria a passagem do sistema médio (a gramática do PC) para o moderno (a gramática do PE) é a passagem de um sistema XVS para um sistema SVX ; em decorrência dessa reordenação da posição estrutural pré-verbal, de uma posição disponível para constituintes de VP em geral em PC para uma posição preferencial para sujeitos em PE, o advento da variante contemporânea do PE não estaria relacionado apenas ao aumento na proporção da ênclise refletido nos textos, propriamente dito; mas sim a uma reordenação na posição pré-verbal, ou mais propriamente a um aumento na proporção da construção com ênclise e sujeito pré-verbal, qual seja, $SVcl$.

Pois concluímos, em relação aos padrões de VS, que o contraste entre os textos pré 1700 e pós 1700 podem ser interpretados como indicadores da passagem de um sistema XVS para um sistema SVX . No primeiro sistema, a posição pré-verbal seria disponível para constituintes de VP em geral – crucialmente, não seria uma posição própria para sujeitos. (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p.163) [assim no texto da autora]

Na análise dos padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, apresentada na próxima seção, assumo em relação à estrutura da frase na gramática do PC que, sendo CP o limite da oração, há duas posições disponíveis para a realização dos constituintes pré-verbais: uma posição interna e outra posição externa à estrutura oracional (TORRES MORAIS, 1993; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Em relação às gramáticas contemporâneas do português, PE e PB, assumo, também em companhia das referidas autoras,⁷ que há uma especificação da posição pré-verbal na estrutura da frase que licencia apenas (ou preferencialmente) na posição pré-verbal a lexicalização de sujeitos oracionais – i.e., a lexicalização do argumento externo do verbo, ou, mais especificamente em relação à gramática do PB, demais constituintes oracionais que “assimilam” os traços gramaticais associados à posição sujeito na configuração SV (cf. PONTES, 1987; GALVES, 2001).

Padrões empíricos das construções XclV na escrita brasileira

Mostrei na seção 1 que, segundo a análise de Paixão de Sousa (2004), a implementação da gramática do PE, instanciada em textos portugueses dos séculos 16 a 19, parece estar associada não ao aumento da ênclise propriamente dito, mas ao aumento de uma construção específica: *SVcl*. Como muitos estudos têm mostrado, o PB vem também gradativamente perdendo a flexibilidade na posição ocupada pelo sujeito e se tornando uma língua SV (PONTES, 1987; BERLINCK, 1988; DUARTE, 1995; COELHO, 2000). Da mesma maneira como proposto por Paixão de Sousa para o PE, podemos aventar a hipótese de que a implementação da gramática do PB, instanciada escrita brasileira dos séculos 19 e 20, esteja também associada não ao aumento da próclise, mas a uma construção específica: *ScIV*.

Em busca de evidências empíricas para a hipótese aventada acima, analiso no que segue orações finitas não dependentes com verbo simples em contextos XV, sendo X um sujeito DP simples ou pronominal pessoal não-focalizado, um advérbio não-modal ou um PP em que a variação clV/Vcl é atestada. A amostra soma 482 dados, sendo 232 ocorrências com próclise e 250 ocorrências com ênclise. Tomo como parâmetro para a análise as construções com próclise, a fim de observar a evolução das taxas relacionadas às construções *ScIV* e *XclV* nos textos.

As taxas de próclise, por contexto, estão apresentadas na Tabela 1, a seguir.

⁷ Ver, também, Galves, Torres Morais e Ribeiro (2005), em relação ao PB.

Tabela 1. XclV na escrita de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20

Autor/ano de nascimento	SV	AdvV	PPV	TOTAL
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	21/91 – 23%	5/19 – 26%	0/6 – 0%	26/116 – 22%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	7/27 – 26%	5/9 – 56%	1/5 – 20%	13/41 – 32%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	6/15 – 40%	2/3 – 67%	1/2 – 50%	9/20 – 45%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/7 – 43%	1/4 – 25%	0/3 – 0%	4/14 – 29%
Horácio Nunes (1855- 1919)	15/56 – 27%	3/14 – 21%	1/14 – 7%	19/84 – 23%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	8/15 – 53%	2/5 – 40%	0/4 – 0%	10/24 – 42%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	32/49 – 65%	2/3 – 67%	3/5 – 60%	37/57 – 65%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	3/7 – 43%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	3/9 – 33%
Ody Fraga (1927-1987)	4/4 – 100%	SEM DADOS	1/1 – 100%	5/5 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	5/5 – 100%	1/1 – 100%	1/2 – 50%	7/8 – 88%
Ademir Rosa (1950-1997)	23/23 – 100%	7/8 – 88%	7/8 – 88%	37/39 – 95%
Antônio Cunha (1961-)	27/27 – 100%	1/1 – 100%	1/2 – 50%	29/30 – 97%
Sulanger Bavaresco (1969-)	28/28 – 100%	5/5 – 100%	0/2 – 0%	33/35 – 94%
TOTAL	182/354 – 51%	34/73 – 47%	16/55 – 29%	232/482 – 48%

Os números apresentados na Tabela 1 mostram que, nos textos de autores nascidos no século 20, há uma diferença entre a proporção de clV em orações com sujeitos e em orações com demais constituintes em posição pré-verbal. É importante considerar, todavia, que as orações com sujeitos pré-verbais pronominais pessoais apresentam um padrão “diferenciado” na sintaxe de ordenação de clíticos na história do português (cf. M. A. MARTINS, 2009). As taxas de ScIV em orações com sujeitos DPs simples e com sujeitos pronominais pessoais estão listadas, separadamente, na Tabela 2, no que segue.

Tabela 2 – Próclise em contextos XV, sendo X um sujeito DP simples ou um sujeito pronominal pessoal, na escrita de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20

Autor/ano de nascimento	Sujeito Pronominal	Sujeito DP	TOTAL
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	16/26 – 62%	5/65 – 8%	21/91 – 23%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	7/13 – 54%	0/14 – 0%	7/27 – 26%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	5/6 – 83%	1/9 – 11%	6/15 – 40%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/4 – 75%	0/3 – 0%	3/7 – 43%
Horácio Nunes (1855- 1919)	10/18 – 56%	5/38 – 13%	15/56 – 27%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	3/3 – 100%	5/12 – 42%	8/15 – 53%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	20/20 – 100%	12/29 – 41%	32/49 – 65%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	2/2 – 100%	1/5 – 20%	3/7 – 43%
Ody Fraga (1927-1987)	1/1 – 100%	3/3 – 100%	4/4 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	3/3 – 100%	2/2 – 100%	5/5 – 100%
Ademir Rosa (1950-1997)	18/18 – 100%	5/5 – 100%	23/23 – 100%
Antônio Cunha (1961-)	15/15 – 100%	12/12 – 100%	27/27 – 100%
Sulanger Bavaresco (1969-)	22/22 – 100%	6/6 – 100%	28/28 – 100%
TOTAL	125/151 – 83%	57/203 – 28%	182/354 – 51%

Observe-se que há nos textos de autores nascidos no século 19 uma clara diferença nas taxas de clV em orações com sujeitos DP simples e em orações com sujeitos pronominais pessoais: há baixas taxas de clV em contextos DPV e elevadas taxas em orações com sujeitos pronominais pessoais. Como já dito, uma questão interessante que se abre é: retiradas as próclises com sujeitos pronominais pessoais da amostra, as próclises encontradas nos textos do século 19 em contextos DPV são instanciadas por que gramática do português? É importante ter em mente que a próclise em contextos SV é o padrão tanto na gramática do PB quanto na gramática do PC (PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GBPS, 2005).

Sobre o PC, muitos autores defendem que essa gramática não impõe restrições à natureza do constituinte que pode ocupar a posição pré-verbal. Essa posição estaria disponível para constituintes de VP em geral (PAIXÃO DE SOUSA, 2004). O PB, por outro lado, como muitos estudos também têm mostrado, teria a posição pré-verbal preferencialmente preenchida por sujeitos argumentais, ou, quando não, por constituintes que possam assimilar os traços gramaticais de sujeitos (PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001).

Pois bem, em termos empíricos, interessante será comparar as taxas de próclises em contextos DPV (DPclV) àquelas atestadas em contextos de variação XV (XclV). A Tabela 3, a seguir, sistematiza o total de ocorrências no contexto Adv/PPV.

Tabela 3 – Próclise em XV, sendo X um advérbio não-modal ou um PP, na escrita de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20

Autor/ano de nascimento	AdvV	PPV	TOTAL
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	5/19 – 26%	0/6 – 0%	5/25 – 20%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	5/9 – 56%	1/5 – 20%	6/14 – 43%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	2/3 – 67%	1/2 – 50%	3/5 – 60%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1/4 – 25%	0/3 – 0%	1/7 – 14%
Horácio Nunes (1855- 1919)	3/14 – 21%	1/14 – 7%	4/28 – 14%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	2/5 – 40%	0/4 – 0%	2/9 – 22%
Ildelfonso Juvenal (1884-1965)	2/3 – 67%	3/5 – 60%	5/8 – 62%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/2 – 0%
Ody Fraga (1927-1987)	SEM DADOS	1/1 – 100%	1/1 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	1/1 – 100%	1/2 – 50%	2/3 – 67%
Ademir Rosa (1950-1997)	7/8 – 88%	7/8 – 88%	14/16 – 87%
Antônio Cunha (1961-)	1/1 – 100%	1/2 – 50%	2/3 – 67%
Sulanger Bavaresco (1969-)	5/5 – 100%	0/2 – 0%	5/7 – 71%
TOTAL	34/73 – 47%	16/55 – 29%	50/128 – 39%

Antes de mais, note-se que enquanto a próclise em orações com sujeitos DPs simples (e pronominais pessoais) é a única opção atestada em textos de autores nascidos no século 20 (cf. Tabela 2), há, ainda, variação ênclise/próclise em orações com advérbios não-modais e PPs nos textos desses autores (cf. Tabela 3). Com fins de comparação, observem-se projetadas nos gráficos nas Figuras 1 e 2, no que segue, as taxas referentes à proporção de *DPclV* e de *XclV* nos textos.⁸

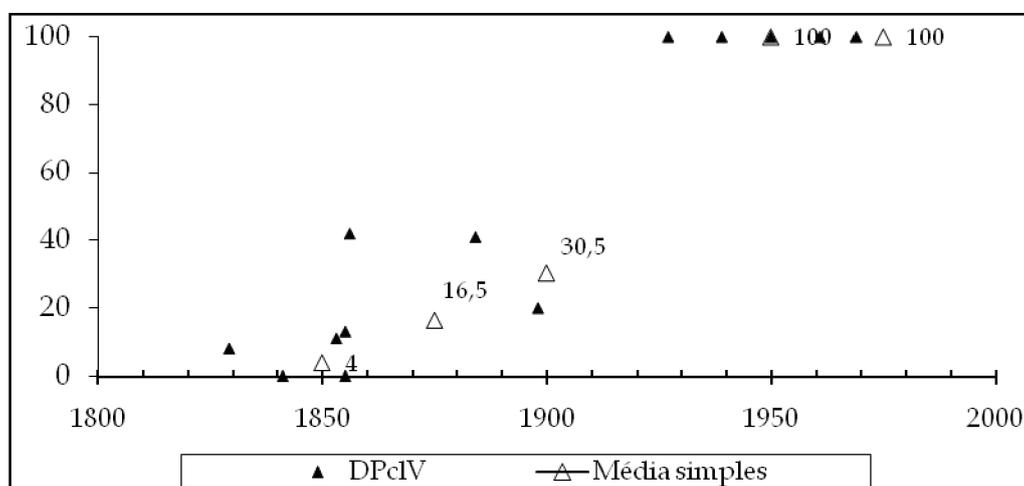


Figura 1. Próclise em contextos DPV na escrita de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20

⁸ Os pontos marcados nos gráficos fazem referência ao ano de nascimento dos autores, conforme especificado nas Tabelas 1, 2 e 3. Os pontos vazados fazem referência às médias simples e estão marcadas nos anos de 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975.

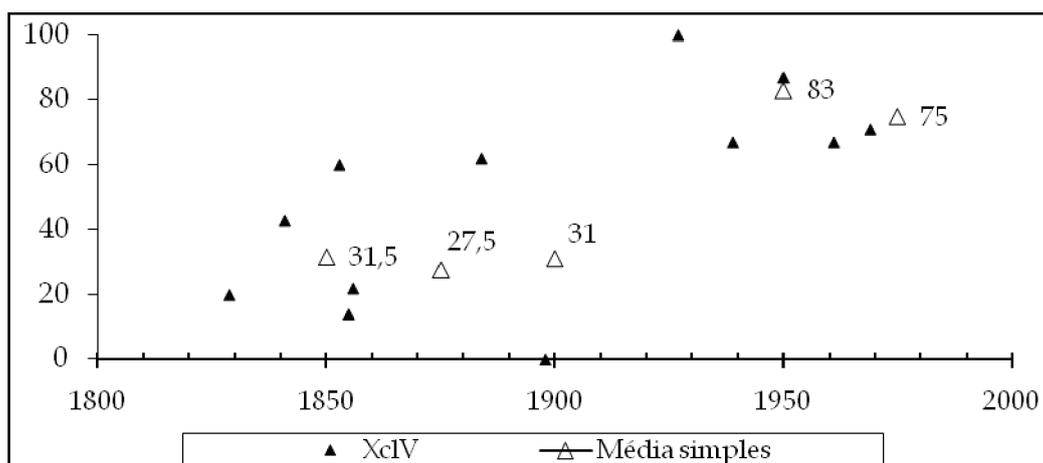


Figura 2. Próclise em contextos XV na escrita de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20

Os gráficos apresentam claramente dois quadros interessantes: primeiro, nos textos escritos pelos três primeiros brasileiros representantes do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho*, *José Cândido de Lacerda Coutinho* e *Arthur Cavalcanti do Livramento* (nascidos em 1829, 1841 e 1853, respectivamente), a proporção de cIV em contextos XV (13%, 20%, 60%) é superior àquela encontrada em contextos DPV (6%, 0%, 11%); segundo, em todos os textos escritos por catarinenses nascidos no curso do século 20, ScIV (com sujeitos DPs simples) é o único padrão encontrado; mas não o é em orações com advérbios não-modais e PPs.

Aparentemente, esses resultados empíricos sugerem que as próclises encontradas, principalmente nos textos dos três primeiros catarinenses representativos do século 19, parecem estar associadas a uma gramática em que a posição pré-verbal esteja disponível para constituintes de VP em geral e não especificamente para sujeitos oracionais. Considere-se que, nesses textos, a construção XclV é mais recorrente que a construção S(DP)cIV.

Com base nos dados empíricos considerados, sou levado a crer que as próclises encontradas na escrita brasileira do século 19 em contextos DPcIV são, ainda, resquícios de uma gramática conservadora, ou mais especificamente da gramática do PC, e não da próclise gerada pela gramática inovadora do PB, propriamente dito. Sistematizo a seguir os argumentos a favor dessa tese.

Em primeiro lugar, os resultados empíricos apresentados mostram que, no que se refere à ordenação de clíticos em orações finitas não-dependentes, a implementação da gramática do PB está associada também à evolução da próclise num contexto bastante específico, qual seja S(DP)cIV. Os resultados sistematizados nas Tabelas 2 e 3 acima mostram claramente que o padrão S(DP)cIV instanciado pela gramática do PB não parece estar presente, ainda, nos textos escritos por brasileiros nascidos, sobretudo, na primeira metade do século 19. Observe-se que nos textos desses autores nem o contexto DPV nem o contexto XV parece ser mais favorecedor de próclise. Há em ambos os contextos percentagens variáveis de próclise, geralmente baixas e inferiores a 50%, nos textos do século 19.

Em segundo lugar, se considerarmos que nos textos de brasileiros nascidos no curso do século 20 a próclise é o único padrão atestado no contexto DPV e que, diferentemente,

há variação ênclise/próclise em contextos XV, os resultados apresentados parecem evidenciar que a escrita do século 19 reflete, ainda, propriedades de um sistema conservador. Reforça essa tese o fato de as taxas encontradas de DPclV serem superiores, já nos textos do início do século 19, às taxas de próclises a V1 e de próclises ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas (cf. MARTINS, 2009) – construções características da gramática inovadora do PB.

Para sumarizar, os gráficos relacionados às médias simples nos gráficos de ambas as figuras apresentam claramente dois quadros interessantes:

1. Nos textos escritos pelos três primeiros catarinenses representantes do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho*, *José Cândido de Lacerda Coutinho* e *Arthur Cavalcanti do Livramento* (nascidos em 1829, 1841 e 1853, respectivamente), a proporção de clV em contextos XV (13%, 20%, 60%, com a média simples de 31,5%) é superior àquela encontrada em contextos DPV (6%, 0%, 11%, com média simples de 6,5%);
2. Em todos os textos escritos por catarinenses nascidos no curso do século 20, DPclV é o único padrão encontrado; mas não o é em orações com advérbios não-modais e PPs, ou em contextos XV.

Conclusões

No que se refere às construções XV, a análise apresentada neste artigo mostra que (i) na escrita de brasileiros nascidos no século 19, a próclise é, significativamente, mais recorrente em orações com sujeitos pré-verbais pronominais pessoais e não o é em orações com sujeitos DPs – o que equivale dizer que a ênclise em contextos DPV é bastante significativa – e as construções DPclV e construções XclV (sendo X um advérbio não-modal ou um PP) apresentam percentagens variáveis e inferiores a 50%; (ii) na escrita de brasileiros nascidos no século 20, a próclise é categórica em orações finitas não-dependentes com verbo com sujeitos pré-verbais (pronominais pessoais e DPs) e há variação próclise/ênclise em contextos XV.

Interpreto os resultados em (i) como a competição entre padrões gerados por diferentes gramáticas do português: pela gramática conservadora do PC – as próclises em contextos DPV e XV, com percentagens variáveis e inferiores a 50%; pela gramática do PE – as elevadas taxas de ênclises em contextos XV; e, ainda, pela gramática inovadora do PB, como evidencia a análise apresentada em Martins (2009) em relação à próclise a V1 e ao verbo não-finito em complexos. Interpreto os resultados em (ii) como a competição entre padrões gerados pela gramática do PE – as ênclises em contextos XV – e pela gramática inovadora do PB. Há, nesse sentido, na escrita do século 20 uma “estabilização” da gramática do PB.

Em termos empíricos, os resultados sugerem que as próclises encontradas, principalmente nos textos dos três primeiros brasileiros representativos do século 19, parecem estar associadas a uma gramática em que a posição pré-verbal esteja disponível para constituintes de VP em geral e não especificamente para sujeitos oracionais: a gramática do Português Clássico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBAR, M. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Colibri, 1992.
- BARBOSA, P. Clitics: a window into the Null Subject Property. In: COSTA, João (Ed.). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, 2000. p. 31-93.
- _____. Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa (2001). *D.E.L.T.A.* Campinas, v. 22, n. 2, p. 345-402, 2006.
- BERLINCK, R. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- COELHO, I. L. *A ordem VDP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis.
- COSTA, J. *Word order variation: a constraint-based approach*. The Hague, Holland Academic Graphics, 1998.
- _____. *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. New York: Mouton de Gruyter, 2004.
- COSTA, João; GALVES, Charlotte. Peripheral subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. et al. (Eds.). *Romance languages and linguistic theory 2000*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no Português Brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- GALVES, C.; TORRES MORAIS, M. A.; RIBEIRO, I. Syntax and Morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Jornal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n. 2, Studies in the comparative syntax of European and Brazilian Portuguese, p. 143-177, 2005.
- GALVES, C.; BRITTO, H; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, p. 39-67, 2005.
- KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, n. 1, p. 199-244, 1989.
- MARTINS, M. A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis.
- NEGRÃO, E. *O Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. 1999. Tese (Livre docência em Linguística) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

PONTES, E. *O tópico no Português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

TORRES MORAIS, M. A. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993. p. 263-306.